

## Crítica e ontologia do presente em Michel Foucault: uma chave de leitura para entender o giro subjetivo\*\*

### RESUMO

Objetivo principal é argumentar como a obra de Michel Foucault pode ser considerada um trabalho crítico que está na esteira do pensamento de Immanuel Kant. Com relação a este objetivo, a ênfase da análise estará sobre os textos de Foucault publicados entre a segunda metade da década de 1970 até seus últimos escritos. O trabalho investigativo estará delimitado à temática da subjetividade. Isto é, o presente estudo prioriza a questão da subjetivação com vistas à constituição de uma subjetividade autônoma.

**Palavras-chave:** Crítica; Ontologia do presente; Giro subjetivo; Michel Foucault.

### ABSTRACT

The main objective of this study is to argue how Michel Foucault's work may be considered a critical work that is on the treadmill of Immanuel Kant's thought. Regarding this objective, the emphasis of the analysis will be on Foucault's texts published from the mid-1970s to his last writings. The proposed investigative work will be limited to the issue of subjectivity. That is, the present study will be focused on the issue of subjectivation aiming at the establishment of an autonomous subjectivity.

**Keywords:** Critique; Ontology of the present; Subjective turn; Michel Foucault.

\* Doutor em Filosofia e Doutorando em Ciências Sociais – UBA (AR).

\*\* Este texto é resultado parcial de dois projetos de pesquisa levados conjuntamente. O primeiro contou com o apoio da CAPES e resultou em uma tese intitulada "Cuidado de si e Filosofia crítica. A constituição da subjetividade autônoma em Michel Foucault", com a qual obtivemos o título de doutor em Filosofia pela UNISINOS. O segundo conta com o apoio do CONICET e é intitulado "Conducción y secundarización. Un análisis de la influencia de la religión en la política moderna y contemporánea a través de las obras de Michel Foucault, Marcel Gauchet y de un análisis teórico-práctico del pastorado evangélico en Brasil y Argentina".

## Introdução

Segundo Vázquez García, existem duas maneiras de aproximação aos textos de Michel Foucault: uma aproximação hermenêutica e um enfoque praxiológico. Este é mais afim às Ciências Sociais, enquanto aquele é voltado à Filosofia. Uma “aproximação hermenêutica” consiste na tentativa de decifrar os textos, estabelecer etapas em sua Filosofia e convergências teóricas com outros autores (VÁZQUEZ GARCÍA, 2000, p. 72). Desde esta perspectiva, interroga-se sobre a contribuição foucaultiana buscando um sentido para sua obra, algo que ele teria querido dizer, mas que foi insuficientemente expressado ou ficou inconcluso. Essa tarefa seria a busca de um *logos* subjacente em um conjunto heterogêneo de reflexões.

O “enfoque praxiológico” no estudo dos escritos tem como propósito considerar os mesmos como uma caixa de ferramentas ou um instrumental conceitual (VÁZQUEZ GARCÍA, 2000, p. 72). Nesta perspectiva, os conceitos não são compreendidos como fins em si mesmos, mas um meio para abordar problemas empíricos específicos.

Cabe advertir que a separação estrita entre a dimensão hermenêutica e a praxiológica poderia acarretar em uma desarticulação perigosa. Não é possível alcançar uma compreensão mediana e sustentável dos conceitos que repousam na obra de Foucault, sem um uso plausível e significativo dos mesmos aplicados a casos muito específicos. Portanto, é imperativo que se tome distância de uma hermenêutica que não seja definida como ante-sala para uma intervenção prática, do mesmo modo deve-se desconsiderar qualquer praxiologia que se julgue autosuficiente.

De nenhuma maneira o objetivo desse texto é decifrar a verdadeira natureza da obra de Foucault. A análise proposta aqui apenas está motivada por uma questão que também foi importantíssima para Foucault: *a pergunta pelo presente*. Com esse foco, o presente trabalho explora a reflexão ética do pensador francês como modo de enfrentar problemas que atravessam as sociedades contemporâneas no Ocidente.

Objetivo principal é argumentar como a obra de Foucault pode ser considerada um trabalho crítico que está na esteira do pensamento de Immanuel Kant (1724-1804). Com relação a este objetivo, a ênfase da análise estará sobre os textos de Foucault publicados entre a segunda metade da década de 70 até seus últimos escritos. O trabalho investigativo estará delimitado à temática da subjetividade. Isto é, o presente estudo estará focado na questão da subjetivação com vistas à constituição de uma subjetividade autônoma.

## A herança crítica de Foucault: uma ontologia do presente e de nós mesmos

Em 1984, Michel Foucault se auto-inscreveu na tradição crítica da Filosofia inaugurada por Immanuel Kant, ao escrever um verbete para um dicionário de Filosofia. Denominando seu projeto de uma “História crítica do pensamento”, Foucault afirma nessa oportunidade que

a questão é determinar aquilo que deve ser o sujeito, à que condições ele está submetido, que estatuto ele deve ter, qual posição ele deve ocupar no real [...]; trata-se de determinar seu modo de subjetivação (FOUCAULT, 2001a, p. 1.451).

Problematizando os modos de subjetivação, apareceu um ceticismo sistemático diante de categorias universais, um ceticismo que buscava constatar o conteúdo variável dessas categorias conforme o tempo e as circunstâncias. Ao final do mencionado verbete, Foucault relaciona os modos de subjetivação ao governo dos indivíduos, ao considerar que as diversas formas de governo implicam técnicas e procedimentos, destinadas a formar, dirigir ou modificar a maneira com que se conduzem (FOUCAULT, 2001a, p. 1.454).

Segundo a leitura de Edgardo Castro, em seu *Dicionário Foucault*, malgrado a grande dispersão de seus escritos, todo o projeto filosófico de Michel Foucault pode ser descrito em termos de uma genealogia constituída por três eixos: 1) uma ontologia

de nós mesmos em relação com a verdade; 2) uma ontologia histórica de nós mesmos em nossas relações no campo do poder; e 3) uma ontologia histórica de nós mesmos em nossas relações com a moral (CASTRO, 2011, p. 172). Tendo em vista esses três eixos, a leitura da obra de Foucault aqui empreendida está situada na imbricação da ontologia de nós mesmos em nossa relação com a moral e com o poder. Com esta postura investigativa, tanto a governamentalidade como o cuidado de si têm um peso importante, na medida em que são tomados como eixos temáticos destinados à ontologia crítica de nós mesmos e nosso presente.

Essa perspectiva pode ser lida desde o texto escrito por Foucault para servir como introdução à sua tradução da *Antropologia de um ponto de vista pragmático* de Kant. Nesse texto ele afirmava,

A arqueologia do texto, se fosse possível, não permitiria ver nascer um "homo criticus", cuja estrutura diferiria no essencial do homem que o precedeu? Isto é, a Crítica, em seu caráter próprio de "propedêutica" da Filosofia, acrescentaria uma papel constitutivo ao nascimento e ao devir das formas concretas da existência humana. Haveria certa verdade crítica do homem, filha da crítica das condições de verdade (FOUCAULT, 2009, p. 41).

Em um curso sobre o texto de Kant *O que é o Iluminismo?*, Foucault faz uma distinção entre duas linhas da tradição crítica inauguradas por Kant: a primeira Foucault denomina "analítica da verdade." (FOUCAULT, 2001, p. 1.506; 2007, p. 68). Nesta tradição, ele localiza as três obras críticas de Kant (*Crítica da Razão Pura*, *Crítica da Razão Prática* e *Crítica da Faculdade de Julgar*), alegando que se trata de obras que estão mais preocupadas com a definição das condições de possibilidade do conhecimento verdadeiro, da ação reta e do juízo racional.

A analítica da verdade pergunta-se pelas condições de possibilidade do conhecimento verdadeiro, o que levou a que esta tradição crítica tenha sido forjada principalmente como reflexão sobre o pensamento científico e sua história. A crítica como atividade meramente especulativa ou atenta

apenas à ideia puras está nessa esteira de pensamento.

Foucault rejeita esta primeira tradição para inscrever-se em uma segunda, que é denominada por ele de "ontologia do presente." (FOUCAULT, 2001, p. 1.507; 2007, p. 69). Para ele não é tão importante seguir o projeto transcendental, quanto dar continuidade ao projeto crítico sobre o questionamento a respeito do próprio eu relacionado ao entorno que o cerca. De acordo com Foucault, essa preocupação é encontrada nos escritos de Kant sobre a história.

Kant sustenta no seu opúsculo *O que é o Iluminismo?* a necessidade de que deixemos a minoridade quanto ao uso do próprio entendimento. A partir deste mote kantiano, Foucault encontra sua trajetória crítica, mais afim aos textos pós-críticos, onde a afinidade com o método genealógico é realmente plausível.

[...] se a reflexão kantiana era saber os limites que o conhecimento deveria renunciar a ultrapassar, parece que hoje a questão crítica deve ser convertida em questão positiva (FOUCAULT, 2001a, p. 1.393; 2007, p. 91).

Segundo Foucault, a atitude crítica coloca as seguintes perguntas: o que é a atualidade? Qual é o campo atual das experiências possíveis? Quais são os limites que condicionam nossas experiências? O que é esse hoje no qual nós pensamos, conhecemos, temos acesso ao conhecimento e desenvolvemos uma moral e uma política? Quais são as condições de possibilidade para a formação de um *ethos* crítico baseado na atitude de modernidade? Essas perguntas são importantes porque interrogam sobre as condições que concernem simultaneamente aos limites do presente e às possibilidades de construção do futuro.

Nesses termos, não se trata de uma analítica da verdade, mas de uma ontologia do presente e de nós mesmos. Trata-se de um projeto crítico que toma forma com a opção de deslocar o sujeito transcendental do núcleo da crítica e pôr em seu lugar a formação da subjetividade.

[...] estas investigações não estarão orientadas, retrospectivamente, ao 'núcleo

essencial de racionalidade' que se pode encontrar na *Aufklärung* e que teria que ser salvo a todo custo; estarão orientadas 'aos limites atuais do necessário': quer dizer, àquilo que não é ou já não é indispensável para a constituição de nós mesmos como sujeitos autônomos (FOUCAULT, 2001, p. 1.391; 2007, p.88).

Se for feito um paralelo entre a obra de Kant e Foucault, é possível encontrar autores como François Ewald que indica o modo pelo qual o primeiro capítulo de *Vigiar e Punir* é uma réplica, no que concerne à análise do poder, à *Estética transcendental da Crítica da Razão Pura*. Estabelecendo este paralelo, as disciplinas para Foucault assumem o mesmo papel que o tempo e o espaço para Kant (EWALD, 1975, p. 1.261).

A pergunta antropológica feita por Foucault é tributária da obra de Kant, mas para sair do sonho kantiano da *Antropologia*, Foucault faz uma crítica dirigida aos limites daquilo que somos (FOUCAULT, 2010, p. 159). Ditos limites são estudados desde *As Palavras e as Coisas* nos jogos de verdade encontrados nas instituições ou nas práticas de controle, nas quais o indivíduo vai se definindo como indivíduo que fala, que vive e trabalha (FOUCAULT, 2001a, p. 1.528).

O pensamento crítico, entendido sob os matizes de uma ontologia do presente, trata de problematizar os limites antropológicos, limites delimitados pelos saberes constituídos. A ontologia do presente trata de conhecer os limites que definem a subjetividade, aquilo que somos, e tenta mostrar seu caráter histórico (FOUCAULT, 2010, p. 150). Esse questionamento sobre o que somos é posto no tempo presente, segundo as condições históricas que nos são dadas (FOUCAULT, 2001a, p. 1.633). Nasceria, assim, "certa verdade crítica do homem". Dita verdade seria fruto de uma análise sobre o nascimento e o devir das formas concretas da existência humana, que seria nada mais que uma "crítica das condições de verdade." (FOUCAULT, 2001a, p. 41). Com essa pretensão, a Filosofia comunicar-se-ia com as ciências do homem mediante a atitude crítica.

Uma ontologia do presente tem sua nascente na *Aufklärung* à medida que se trata também de investigar as alterações da liberdade em uma história da razão, de forma que seja possível identificar os mecanismos concretos que limitam essa liberdade. Isso daria condições ao trabalho filosófico de tomar consciência das possibilidades atuais da liberdade, interrogando sobre os limites e os poderes que atuam sobre ela (FOUCAULT, 2001a, p. 433).

A *Aufklärung* é "nosso mais atual passado", contudo uma crítica da razão em geral não faz mais sentido (FOUCAULT, 2001a, p. 856). Foucault vê em Kant a pedra inaugural de um novo modo de filosofar sobre a relação entre a verdade e o sujeito (FOUCAULT, 2001a, p. 442). Ou seja, deixando os parâmetros doutrinários da Filosofia de Kant, Foucault trata de estudar as múltiplas versões da constituição da subjetividade de acordo ao conjunto de regras de produção da verdade. Para empreender uma história dos modos de subjetivação, Foucault pretende, simultaneamente, fazer uma crítica à noção tradicional de sujeito, aquela segundo a qual o sujeito é capaz de constituir o objeto de conhecimento. Ele tenta superar, então, a concepção de sujeito dotado de categorias transcendentais que dão forma aos objetos e que foi capaz de dar forma a si mesmo, como objeto de conhecimento.

Este projeto crítico de Foucault pode ser caracterizado também como um herdeiro não convencional do projeto kantiano. Um herdeiro que se atreve a ser infiel, mas que reconhece sua dívida no sentido mais positivo que é o de continuar uma tarefa. Para Foucault, a tarefa que ele tratou de dar continuidade foi o questionamento sobre o presente, objetivando a construção de um *ethos* embasado em uma atitude crítica. Esta tarefa, definitivamente, pode ser encontrada nos textos de Kant sobre a história.

Desde esta perspectiva, o modo pelo qual se compreende o trabalho genealógico de Foucault é um pensamento sobre as condicionantes que constroem o pensamento e a ação no presente. Se aceitamos que a genealogia é um método investigativo que compara o passado com o presente e que,

por sua vez, a crítica visa à comparação do presente com o futuro<sup>1</sup>, então temos dois períodos da trajetória foucaultiana nos quais o presente é um foco de reflexão permanente.

De acordo com o encontrado em *A verdade e as formas jurídicas*, o valor da genealogia está inscrito nessa premissa segundo a qual o conhecimento não é natural (FOUCAULT, 2003, p. 17). Quando abordado o método genealógico, o que sobressai é a ideia de pensar a história como uma estratégia *sui generis*, à medida que ela permite desnaturalizar muitas das categorias filosóficas. Um exemplo é todo o trabalho empreendido na coleção *História da sexualidade*. Nos três volumes, Foucault pretendia por em questionamento o papel da sexualidade no que concerne à formação da subjetividade. Seu objetivo era demonstrar que toda a naturalização em torno da sexualidade é artificial, que é uma construção e que seu sentido é contingente.

Dentro desse marco, estudar as técnicas de subjetivação permitiu a Foucault evitar os enganos de problematizar a liberdade dentro dos marcos normativos que desembocam na normalização das condutas.

As técnicas de si, que permitem aos indivíduos efetuar, sozinhos ou com a ajuda de outros, certo número de operações sobre seus corpos e suas almas, seus pensamentos, suas condutas, seu modo de ser; de se transformarem a fim de alcançarem certo estado de felicidade, de pureza, de sabedoria, de perfeição ou de imortalidade (FOUCAULT, 2001, p. 1.605; 2010, p.1.071).

De acordo com Foucault, a liberdade fruto do cuidado de si não pode ser fundada e tampouco serve de fundamento para alguma teoria. Ela somente pode ser experimentada e expressada como um trabalho infinito, uma experiência ético-política na

qual é possível conceber o indivíduo como autor de sua própria verdade. Esta experiência é sempre única, já que as técnicas de si serão exercícios de crítica de si durante a formação da subjetividade construída autonomamente. Não submissos às malhas do poder subjetivante, os exercícios das técnicas de si estimularão movimentos da alma nos quais o sujeito e a verdade não estão vinculados pelo exterior.<sup>2</sup>

Nesta empresa crítica dos modos de subjetivação, a noção da *epimeleia heautou* (cuidado de si), é a noção-chave mediante a qual Foucault leva a cabo seu projeto crítico à noção tradicional de sujeito. É possível considerar que todo o estudo que Foucault empreende sobre a noção de cuidado de si na Antiguidade e no Cristianismo se deu porque ele considerava que esse fenômeno cultural da *epimeleia heautou* pode ser um modo pelo qual é possível compreender “nosso modo de ser de sujeitos modernos” (FOUCAULT, 2001b, p. 11; 2009, p. 26). As técnicas de si funcionam neste contexto como práticas voluntárias por meio das quais os indivíduos podiam determinar para si mesmos regras de conduta. Seguindo nessa linha, é possível concluir que ao estudar o uso das técnicas de si, o objetivo de Foucault era estudar formas de governo de si exercidas de maneira autônoma, fazendo frente aos mecanismos de governo dos indivíduos (FOUCAULT, 2001a, p. 1.104).

É com esta intenção que Foucault caracterizava

o ethos filosófico próprio à ontologia crítica de nós mesmos como uma prova histórico-prática dos limites que nos podemos ultrapassar e, portanto, como um trabalho de nós sobre nós mesmos como seres livres (FOUCAULT, 2001a, p. 1.394; 2007, p.93).

<sup>1</sup> Esta foi uma distinção exposta por Judith Revel, em um seminário sobre Foucault ditado em novembro de 2011 no Centro Franco-Argentino de Altos Estudos em Buenos Aires – AR.

<sup>2</sup> Sobre o cuidado de si e a estética da existência alinhados a esse ponto, remetemos humildemente a nosso texto *Epimeleia heautou* socrático-platônica: estética da existência como estratégia contra a normalização. *Problemata*. João Pessoa-PB, v. 2, n. 2, 2011, p. 158-177. Disponível em: <http://periodicos.ufpb.br/ojs2/index.php/problemata/issue/current/showToc>.

Era já pensando nos limites a serem ultrapassados que Foucault problematizava “algumas formas de racionalidade inscritas em práticas ou sistemas de práticas”, como forma de discernir certas relações de saber e poder que condicionavam a formação da subjetividade em determinados contextos (FOUCAULT, 1991, p. 79).

Esse método de trabalho investigativo traz como premissa uma concepção de liberdade que não se joga ao modo de uma ausência de impedimentos, mas ao modo de uma reflexão e uma relação crítica com os obstáculos que estão presentes nas distintas circunstâncias. Essa relação crítica será o caminho mais adequado, segundo Foucault, para a constituição de uma subjetividade autônoma.

## Crítica e história

Kant sustenta no seu opúsculo *O que é a Iluminismo?* a necessidade de deixarmos a minoridade quanto ao uso do próprio entendimento. A partir deste mote kantiano, Foucault encontra sua trajetória crítica, mais afim aos textos pós-críticos, onde a afinidade com o método genealógico é realmente plausível. Como esclarece Rudi Visser, em seu livro *Michel Foucault – Genealogy as Critique*, o método genealógico pode ser assimilado ao método crítico à medida que, ao investigar o surgimento da governamentalidade, passa a “revelar as condições de sua possibilidade” a partir da “elucidação das condições de [sua] emergência.” (VISKER, 1995, p. 54). Com isso, seria possível formar uma “contra-memória” que pode ser útil ao indivíduo que pretende agir de maneira crítica (VISKER, 1995, p. 18).

A atitude crítica coloca as seguintes perguntas: o que é a atualidade? Qual é o campo atual das experiências possíveis? Quais são os limites que condicionam nossas experiências? O que é que esse hoje no qual nós pensamos, conhecemos, temos acesso ao conhecimento e desenvolvemos uma moral e uma política? Quais são as condições de possibilidade para a formação de um *ethos* crítico baseado na atitude de modernidade? Estas questões concernem si-

multaneamente aos limites do presente e às possibilidades de construção do futuro.

Quanto à vinculação entre a história e a necessidade de pensar a própria atualidade, a resposta de Foucault para o vínculo entre Iluminismo e crítica irá recuperar os textos tardios de Kant para acrescentar a este binômio o pensamento sobre a história. O que antes foi pensado em termos de Iluminismo e crítica, para Foucault deve ser pensado em termos de Iluminismo, crítica e história.

Esta aposta teórica de Foucault advém do pressuposto de que a história mostrou que a abordagem de Kant foi muito importante no que diz respeito às estruturas formais do pensamento, estruturas transcendentais válidas para todos os sujeitos independentemente de sua história. Contudo, é uma proposta limitada para o objetivo de Foucault, pois “uma crítica da razão em geral [já] não teria muito sentido.” (FOUCAULT, 2001a, p. 854). Os condicionamentos históricos não podem ser desconsiderados nem ao nível do uso puro da razão, nem tampouco ao nível do uso prático incondicionado da mesma.

A problematização dos limites para Foucault passa pela crítica como uma ontologia de nós mesmos, como aquela que ilumina as condições que fazem de nós o que nós somos. Esta crítica pretende mostrar que existe uma contingência no modo como é possível estruturar a realidade, nos distintos momentos históricos. Se a realidade atual é inexoravelmente distinta da de épocas anteriores ou até mesmo outros contextos contemporâneos, dita contingência possibilita que os limites estabelecidos à subjetividade normalizada possam ser ultrapassados.

O próprio pensamento sobre o limite, então, abre espaço para considerar os distintos âmbitos nos quais a subjetividade é alvo de limitações. Com o conhecimento destes âmbitos, o indivíduo poderá ultrapassar limites que antes eram consolidados e extensamente aceitos como normais. Ao ultrapassar esses limites estabelecidos por diversos saberes institucionalizados, seria possível atuar na formação de uma subjetividade crítica.

[...] tem havido no Ocidente moderno ([...] a partir dos séculos XV-XVI) certa maneira de pensar, de dizer, de agir, certa relação com o que existe, com o que sabemos, com o que fazemos, uma relação com a sociedade, com a cultura, também uma relação com os outros, que poderíamos chamar a atitude crítica. (FOUCAULT, 2007, p. 4 – grifo nosso).

A crítica às condições que limitam aquilo que somos, que conhecemos, que fazemos e o que esperamos, radica na possibilidade de superar esses limites, mostrando sua essência contingente e não necessária, conforme Kant legou à Epistemologia e à Ética. Foucault toma de Kant a atitude deste para pensar a realidade como um construto. Ele fez essa apropriação diluindo os preceitos doutrinários que pugnavam pela construção da realidade segundo estruturas transcendentais. Foucault leva a cabo esta empresa pondo os limites, antes transcendentais e portanto necessários, como traços temporários e contingentes. Assim se expressa ele ao dizer que

[...] a linha que nos pode ligar dessa maneira à *Aufklärung* não é a fidelidade à alguns elementos de doutrina, mas a reativação permanente de uma atitude; isto é, de um *ethos* filosófico que poderia ser caracterizado como crítica permanente de nosso ser histórico (FOUCAULT, 2001a, p. 1.390; 2007, p. 86).

Fica claro que o mais importante para a problematização foucaultiana é a atitude crítica na Filosofia kantiana, o pensamento sobre o limite, e não seus conteúdos específicos. O pensamento sobre o limite tem como objetivo principal não o seu estabelecimento, mas sua superação, imaginando um mundo que tenha outros contornos que não aqueles naturalizados pelas estruturas transcendentais do pensamento. Desse modo, estes limites que são problematizados por Foucault são necessariamente aqueles que passam pela reconstrução histórica.

Nestes termos, não se trata de uma analítica da verdade, mas de uma ontologia do presente e de nós mesmos. Trata-se de um projeto crítico que toma forma com a opção de deslocar o sujeito transcendental do

núcleo da crítica e pôr em seu lugar a formação da subjetividade, a construção de um *ethos* (HIGUERA, 2007, p. XXI). Nas palavras de Colin Koopman,

esta interpretação implica uma distinção crucial entre, de um lado, condições de possibilidade (ou limites ou fronteiras) críticas e, de outro lado, condições de possibilidade (ou limites ou fronteiras) transcendentais. Condições transcendentais são um subconjunto de condições críticas – elas podem ser distinguidas de outras formas de condições críticas por sua modalidade (necessidade), escopo (universalidade e objeto cognitivo apropriado (aprioricidade)). Quando condições de possibilidade não são explicadas como condições universais e necessárias de modo a priori, então nós encontramos o método crítico em uma veia que não é transcendental em sua construção (KOOPMAN, 2010, p. 116).

Seguindo as reflexões de Colin Koopman, o trabalho de Foucault tampouco pode ser considerado uma crítica empirista. Os empiristas perguntavam apenas por condições de causalidade, por um *porquê*, ao contrário de Foucault que sempre se perguntou também por um *como* é possível validar os *porquês* de cada época.

[As] problematizações foucaultianas não nos mostram meramente um porquê presente é contingentemente formado – elas nos mostram também como o presente tem sido contingentemente formado. Esta diferença entre o porquê factual da contingência e um questionamento sobre o como as coisas são contingentemente constituídas é [...] absolutamente crucial para entender o projeto crítico de Foucault (KOOPMAN, 2010, p. 119).

Através desta distinção fundamental de método é que Foucault pôde falar em ferramentas que poderiam auxiliar na constituição de nossa subjetividade no presente.

Esse legado ilustrado que Foucault reivindicava para fazer de sua genealogia uma herdeira direta do projeto crítico tem na história o modo de responder às questões muito importantes do ponto de vista ético e político. Foi por meio da genealogia dos modos de subjetivação presentes na história que

Foucault tentou iluminar as coordenadas ou as limitações que fazem com que nós pensemos o que pensamos, façamos o que fazemos e esperemos o que esperamos. Assim, frente à via da analítica da verdade, que pergunta pelas condições nas quais são possíveis os conhecimentos verdadeiros, Foucault reivindica essa outra escuta crítica, na qual o que se desenvolve é uma ontologia de nós mesmos. A partir dessa ontologia de nós mesmos a pergunta pelo presente abre e ilumina o campo das experiências possíveis.

A crítica é, certamente, a análise dos limites e a reflexão sobre eles. Contudo, se a reflexão kantiana era saber os limites que o conhecimento deveria renunciar a ultrapassar, parece-me que hoje a questão crítica deve ser convertida em questão positiva [...] Em suma, se trata de transformar a crítica exercida sob a forma da limitação necessária em uma crítica prática sob a forma da ultrapassagem possível (FOUCAULT, 2001a, p. 1.393; 2007, p.91).

Michel Senellart nos ajuda a entender estas palavras de Foucault como o ponto nodal onde se encontram a reflexão crítica e a problemática sobre o governo, porque “põe em evidência o estreito laço que une a atitude crítica ao surgimento da governamentalidade.” (SENELLART, 1995, p. 6; n. 11). As investigações de Foucault sobre o governo das condutas tratavam de problematizar as condições para o surgimento de

uma liberdade solicitada, controlada, fabricada, cuja medida depende da relação, ela mesma variável, entre governantes e governados (SENELLART, 1995, p. 6; n. 11).

Nessa perspectiva, essa liberdade solicitada responde aos mecanismos de saber-poder de forma sujeitada.

Essa liberdade viciada pelas relações de poder já pode ser lida no curso de 1978-1979, *Nascimento da Biopolítica*, durante o qual Foucault se expressa da seguinte maneira:

[...] a nova arte de governar formada no século XVIII implica em seu coração uma relação de produção/destruição em relação à liberdade<sup>3</sup>. Deve, por um lado, produzir a liberdade, mas este mesmo gesto implica que, por outro lado, são estabelecidas limitações, controles, coerções, obrigações apoiadas sobre ameaças, etc. (FOUCAULT, 2004b, p. 65).

Tendo como ponto de comparação essa liberdade controlada, coagida e ameaçada, Foucault aponta para a liberdade oriunda da crítica. A liberdade proveniente da crítica caracteriza-se pela conduta de um indivíduo consciente do meio em que está imerso: o meio das relações de poder. A consciência das limitações que lhe são impostas dá à conduta deste indivíduo uma força que a ingenuidade da liberdade moderna não pode alcançar. De acordo com Julián Sauquillo,

Foucault pretende salvar o núcleo central do Iluminismo e investigar a constituição política dos limites atuais do necessário. Para além de Kant, não se trata de converter a metafísica em uma ciência, mas de impulsionar o trabalho indefinido da liberdade dentro de uma atitude experimental sem projeto universal [...] Trata-se de refletir sobre nossos limites e de realizar um trabalho constante sobre nós mesmos, sobre nossas possibilidades de nos libertar deles como seres livres (SAUQUILLO, 2004, p. 175).

Essa atitude crítica, para Foucault, deveria contribuir com transformações nas formas de pensar, na relação com as autoridades, nas relações sexuais, na percepção da loucura ou da enfermidade, em vez de reforçar o lastro das condutas normalizadas.

Convém mencionar a Judith Butler em um ensaio sobre a virtude em Foucault, intitulado *O que é a crítica?*:

Derivando de Kant seu sentido de “crítica”, Foucault põe a questão que é a da própria crítica [...] Assim, a liberdade emerge nos limites daquilo que se pode conhecer, no exato momento durante

<sup>3</sup> O editor do texto indica que aqui Foucault pronuncia palavras distintas das encontradas no manuscrito do curso: “[...] uma relação [...] de consumo/anulação da liberdade”.

o qual se produz a des-sujeição do sujeito no seio das políticas de verdade, no momento no qual começa certa prática de questionamento [...] (BUTLER, 2005, p. 92).

### Situando a atitude crítica no contexto da *Aufklärung*, Foucault dirá que

a crítica será aos olhos de Kant o que dirá ao saber: você sabe bem até aonde pode saber? [...] A crítica dirá, em suma, que nossa liberdade se joga [...] na ideia que nós fazemos de nosso conhecimento e de seus limites. (FOUCAULT, 2007, p. 13).

Desta maneira, nossa autonomia será conquistada e assegurada pela atitude crítica que tenhamos frente aos conhecimentos e às tecnologias que influem sobre nossa subjetividade. Empurrando até o limite as marcas impostas pelos dispositivos de saber-poder, é que o indivíduo poderá experimentar outras formas de subjetividade que não estão sob a estrita normatividade da governamentalização.

Advogamos que se trata de limitar a ação de qualquer dessas autoridades, visando à construção de uma liberdade relativa, mas autêntica e crítica. Mesmo esta liberdade sendo relativa, ela será a melhor alternativa para ultrapassar os modos coercitivos e os modos de dominação dos dispositivos de saber-poder presentes em relação à pessoa. Ao desafiar a organização desses dispositivos através da atitude crítica, a pessoa constrói seu *ethos* e o sustenta com uma liberdade situada, uma "liberdade mais humilde", mas não menos contundente do ponto de vista fático. (CAPUTO, 1993, p. 255).

Aqui cabe esclarecer que não se trata de alcançar um resultado previamente determinado com essa atitude crítica. O *ethos* é uma construção sempre ativa da própria subjetividade, pois supõe uma prática e não um resultado. Os mecanismos de saber-poder objetivam um resultado, uma subjetividade sujeitada, dócil, conforme aos limites normalizadores. Já o *ethos* pressupõe uma prática sempre construtiva e mutante, susceptível de ser adequada aos diferentes contextos pelos quais se move o indivíduo. Desse modo, aquele que persiste na atitude crítica constrói seu *ethos* e mantém sua liberdade.

A liberdade humilde que se alcança com esta atitude crítica não está fixada por um resultado de uma vez e para sempre. Ela é fruto de uma vinculação crítica, um uso crítico dos saberes que estão presentes em cada contexto, já que ela é fruto de um modo de fazer singular, próprio de cada indivíduo.

Com isso, Foucault subverte o pensamento de Kant, porque em seus textos é possível dizer: atue de determinada maneira, segundo um reto uso da razão prática. Em Foucault esse ditame não é possível. Ser fiel aos conteúdos doutrinários do Iluminismo seria um dos modos mais infelizes de vincular-se à esta tradição. Dessa maneira, Foucault recupera o legado ilustrado esclarecendo que não haveria nada mais fatídico que fazê-lo recuperando os elementos doutrinários. O principal para ele é o *ethos*, o modo de ser, a prática questionadora. O modo de ser fiel à tradição ilustrada é justamente superá-la, subvertê-la, pois a fidelidade aos conteúdos impossibilitará chegar aos resultados que chegou a Iluminismo, dado que estamos em outro contexto, composto por outro jogo de forças. Esse é o modo de pensar a crítica em Foucault priorizado neste texto.

## Considerações finais

Interessante para nossos objetivos investigativos é notar como a crítica aparece ligada ao horizonte da história. Se os mecanismos históricos que nos sujeitam são aqueles que se armam sobre o que será denominado por ele como políticas da verdade, a crítica é necessária para desnaturalizar as verdades sobre as quais estão apoiados. Frente a isso, a crítica é o que vai habilitar o indivíduo a pensar como a verdade tem efeitos de poder e como o poder é armado sobre discursos de verdade.

A crítica é essencialmente esta interrogação sobre a vinculação entre o saber, o poder e o sujeito. À hora de pensar esses vínculos entre ambas as esferas da investigação foucaultiana, a crítica serve como dobradiça que possibilita suspender em algum sentido a eficácia demolidora que têm os dispositivos de saber-poder.

Para pensar criticamente a conduta livre em Foucault, é necessário ressaltar os lugares ou as experiências que são experiências limite. Com esse ponto de vista é possível chegar a uma compreensão mais ampla quando lemos em seus livros, cursos e entrevistas as análises sobre a loucura, a confissão ou o cuidado de si.

## Referências Bibliográficas

BUTLER, Judith. Qu'est-ce que la Critique ? Essai sur la vertu selon Foucault. In: GRAJON, Marie-Christine (Org.). *Penser avec Michel Foucault. Théorie critique et pratiques politiques*. Paris :Karthala, 2005, p. 75-101.

CAPUTO, John. On not knowing who we are. Madness, Hermeneutics and the Night of Truth in Foucault. In: CAPUTO, John and YOUNT, Mark. *Foucault and the Critique of Institutions*. Pennsylvania: Pennsylvania University Press, 1993, p. 233-262.

CASTRO, Edgardo. *Diccionario Foucault. Temas, conceptos y autores*. Buenos Aires: Siglo Veintiuno, 2011.

FOUCAULT, Michel. *A verdade e as formas jurídicas*. Trad. Roberto Cabral de Melo Machado e Eduardo Jardim Morais. Rio de Janeiro: PUC-RJ/NAU Editora, 2003.

\_\_\_\_\_. *Dits et Écrits II – 1976-1988*. Paris: Quarto Gallimard, 2001a.

\_\_\_\_\_. *La hermenéutica del sujeto*. Traducción de Horacio Pons. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, 2009.

\_\_\_\_\_. *L'herméneutique du sujet. Cours au Collège de France 1981-1982*. Paris: Gallimard, 2001b.

\_\_\_\_\_. *Naissance de la biopolitique. Cours au Collège de France 1978-1979*. Paris: Gallimard, 2004b.

\_\_\_\_\_. *Obras esenciales*. Traducción de Angél Gabilondo. Barcelona: Paidós, 2010.

\_\_\_\_\_. Questions of Method. In: BURCHELL, Graham; GORDON, Colin; MILLER, Peter (Org.). *The Foucault effect: studies in governmentality*. Chicago: University Press Chicago, 1991, p. 73-86.

\_\_\_\_\_. *Sobre la Ilustración – 2. ed.* Traducción de Javier de la Higuera, Eduardo Bello y Antonio Campillo. Madrid :Tecnos, 2007.

\_\_\_\_\_. *Una lectura de Kant: introducción a La antropología en sentido pragmático*. Tradução de Ariel Dilon. Buenos Aires: Siglo XXI, 2009.

SAUQUILLO, Julián. La radicalización del uso público de la razón (Foucault, lector de Kant). *Daimon. Revista de Filosofía*, Murcia-ES, n. 33, p. 167-185, sep-dic. 2004.

SENELLART, Michel. A crítica da razão governamental em Michel Foucault. *Tempo Social*. São Paulo, v. 7, n. 1-2, p. 1-14, out. 1995.

VÁZQUEZ GARCÍA, Francisco. Cómo Hacer Cosas con Foucault. *Revista de Filosofía Er*. Barcelona-ES, n. 28, p. 71-86, 2000.

VISKER, Rudi. *Michel Foucault. Genealogy as Critique*. Trad. de Chris Turner. Londres: Verso, 1995.